

Typos portuguezes. — Varinas, vendedeiras de peixe. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho Junior

Ha na sociedade certos typos, principalmente os do genero feminino, que, por circunstancias especiaes, attrahem á roda de si um grande numero de *enthusiastas,* assim como na pintura as producções de diverso genero, por circunstancias analogas, tem o seu grupo de *amadores*.

O typo que se vê á frente d'este pequeno artigo é um d'esses.

Na verdade, que homem, a não ser algum admirador da esterilidade, haverá ahi de tacto fino e inquieto, que não *ame* a natureza desenvolvida? É por isso que não poucas vezes, sem o quererem, se vão os olhos n'algumas d'essas filhas de Aveiro e Ovar.

Aos entendidos na arte agradam geralmente essas mocetonas, essas figuras esbeltas e musculosas; sympathisa-se com a mobilidade natural d'aquellas frontes trigueiras e espaçosas; magnetisa a viveza dos olhos redondos e salientes; fazem perder a cabeça os requebros de graciosa naturalidade d'aquelles corpos flexiveis; estremece-se com o estremecer d'aquelles musculos relevados e luzidios.

Diz-se que as *varinas* são verdadeiras Mallakoffs, praças invenciveis para soldados que não forem dos seus e da sua classe. Não se lhes deve levar isso a mal; é, antes, mais um motivo para geraes sympathias. Uma mulher arisca, uma mulher travêssa, uma mulher independente, são todas mulheres por que muitos gostos se inquietam, por que muitos morrem, por que muitos endoidecem. Se se prezam, exaltam, admiram a honra e a liberdade, muito mais se devem prezar, admirar e exaltar n'uma mulher. Effectivamente n'aquelles corpos armaria bem uma sáia balão; assentaria melhor, talvez, n'quellas pernas uma fina meia de seda; com facilidade se amançariam aquelles pés bravios a umas botinhas de salto e laçarote; ficaria a matar um canesú de blonde n'aquelles seios palpitantes; não seria fóra de proposito perfumal-os com os rescendentes aromas da agua de Colonia e do patchouli; — mas, se tudo isto havia de apparecer custando o oiro da corrupção, antes as vejamos com seus modestos saiotes de ganga azul, com seus lenços de panninho riscado, e cheirando mal a peixe. Para os que não forem d'esta opinião, e tiverem o olfato delicado e difficil de contentar, lhe offerecemos um exemplar sem cheiro. É o que vae na primeira pagina d'este numero. Este podem vêl-o de perto, tanto quanto quizerem, amarrotal-o mesmo entre as mãos, sem nojo nem receio de nausea.

NOGUEIRA DA SILVA.

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza.

XXX.

Desde que D. Anna d'Austria chegou a convencer-se de que havia sido victima de tão estranho enredo, joguete da falsidade e hypocrisia do frade, e da astucia de Espinosa, caiu em profundo abatimento. Parecia como envergonhada, e nem sequer se atrevia a suspirar, ou queixar-se da desgraça. Encerrada por uma sentença no curto recinto da sua cella, privada de toda a communicação até com as outras religiosas, assistida por servas ordinarias, soffria cruel e prolongado martyrio, e era objecto da maior compaixão. Na sua reclusão, soube do desgraçado fim de Espinosa, e seu coração generoso compadeceu-se d'elle e lhe perdoou, rogando a Deus por sua alma. Poucos dias depois veiu ordem de Filippe II para que fosse trasladada a Avila, a cumprir sentença em um mosteiro que alli havia da mesma ordem, chamado de Nossa Senhora da Graça. Aquella que antigamente tinha renunciado ao mundo, e agora se via reduzida a um sepulchro, quasi como o que devia occupar depois da morte, pouco lhe importava viver em Madrigal ou n'outro ponto; mas, sem embargo d'isso, foi com sentimento que se despediu de suas companheiras, que tambem derramaram lagrimas pungentes ao perder tão respeitavel e innocente creatura. O juiz devia conduzil-a ao seu destino, mas uma enfermidade lh'o impediu. Ella saiu em um coche, acompanhada do provincial e outros religiosos da sua ordem. As religiosas d'Avila receberam D. Anna, não como a uma desterrada, mas como a uma amiga, victima innocente da sua credulidade. Para D. Anna já não podia haver alegria: o resto da sua vida passou-o em abatimento e amargura.

Outra das victimas innocentes, ou ao menos pouco culpada e digna da maior compaixão, foi a desgraçada Clara, ama do pasteleiro. A infeliz, depois de haver padecido tormento, e uma penosa prisão de perto d'um anno, criando seus dois filhos, foi desterrada perpetuamente de todo o reino. Esqualida, quasi extenuada e sem outro amparo mais que o do ceo, a desditosa pediu licença para permanecer alguns dias em Medina, e alli tirar esmola para emprehender a viagem, e ver se alguem queria ficar com a menina. Desgraçadamente não encontrou senão curiosos impertinentes, que registavam os signaes do menino, admiravam a formosura da orphã, e amarguravam a pobre victima com perguntas indiscretas. Assim, cheia de miseria e de opprobrio, carregada com as duas formosas crianças, saiu de Hespanha, e talvez mais tarde fosse victima da fome ou da desesperação!

XXXI.

Em todos os demais presos se foram executando as sentenças, desterrando uns, açoutando outros publicamente, e lançando nas galés alguns. Só restava frei Miguel, a quem o doutor Llanos havia conduzido a Guadarrama, segundo dissemos. Dentro em poucos dias recebeu ordem para trasladar-se com o preso a Galapagar, e d'ahi a Madrid, onde fez entrega do eremita e da causa ao presidente do conselho real, Rodrigo Vasques. Este magistrado praticou ainda novas diligencias, tomou novas declarações, tanto a frei Miguel, como a outras pessoas complicadas no assumpto, que haviam vindo presas de Portugal, até que finalmente em 16 d'outubro de 1595 se deu commissão ao mesmo doutor Llanos para que intimasse o frade, e fizesse n'elle execução de sentença.

No mesmo dia o dito doutor D. Juan de Llanos y Valdez, acompanhado do alcaide Canal, foi ao carcere, e tirando d'elle frei Miguel o conduziu em um coche á egreja parochial de S. Martinho, na mesma corte. Logo que chegaram, subiram ás grades do altar-mór. Frei Miguel, que ia com seu habito ordinario, adiantou-se com muita humildade e modestia, e posto de joelhos na grade, ouviu ler a seguinte sentença:

— «No negocio e causa crime, que entre nós tem pendido, e pende, por commissão apostolica, entre partes, d'uma, Mathias Rodrigues, promotor fiscal, auctor accusante, e da outra frei Miguel dos Santos, clerigo presbytero, e frade professo da ordem de Santo Agostinho, réo accusado; vistos os autos e merecimentos d'este processo, e o mais que n'esta parte ver convinha; declarâmos que o dito Mathias Rodrigues promotor fiscal, sobredito, provou sua accusação contra o dito frei Miguel dos Santos, como provar-lhe convinha, ácêrca dos delictos de que foi accusado; damol-a, e pronunciamol-a por bem provada: e havendo sido o dito frei Miguel trazido a estes reinos dos de Portugal, por culpado nos alborotos que n'aquelles reinos houve contra el-rei nosso senhor, favorecendo a parte de D. Antonio de Portugal, que, usurpando o titulo de rei, tyranna e injustamente se queria levantar com elle; e estando o dito frei Miguel dos Santos na villa de Madrigal, por

vigario do mosteiro de Santa Maria da Graça, a Real, d'aquella villa, desde cinco annos, não se emendava nem corrigia, não sendo grato como devia ás mercês que sua magestade lhe havia feito; mal começou a ser vigario, do dito mosteiro, dando a ultima mostra da sua incorrigibilidade sabendo e confessando o dito frei Miguel dos Santos ser el-rei nosso senhor o verdadeiro rei e legitimo senhor de Portugal, e não nenhum outro, e depois de mui largos e felices annos o principe nosso senhor e seus successores; foi persuadindo a uma freira professa do dito mosteiro como o senhor rei D. Sebastião era vivo e andava peregrinando pelo mundo, cumprindo certo voto, e que havia de casar-se com a dita monja, fingindo para isso muitas revelações e visões divinas, que dizia que Nosso Senhor lhe havia revelado, dizendo missa, e em outras orações, a tal ponto que a dita religiosa e outras que o sabiam, o acreditaram; e tambem fazendo prevenções em pessoas que vinham de Portugal, para que, se a dita religiosa lhes perguntasse se era vivo o dito rei D. Sebastião, lhe dissessem que sim: e continuando o seu intento e mentira, fez que Gabriel de Espinosa, pasteleiro de Toledo, exposto á porta da egreja, sendo vil e baixo, se fingisse e dissesse ser o dito senhor rei D. Sebastião, tratando-o, e respeitando-o, e servindo-o, e fazendo que a dita religiosa lhe escrevesse cartas, estando ausente, como a tal senhor rei: o susodito frei Miguel lhe deu meios de descobrir segredos, que lhe aproveitassem para ser tido por tal, e para que com elles fizesse crer o mesmo a dita religiosa, por ser pessoa de importancia para conseguir o dito effeito, á qual tambem dizia o dito frei Miguel, que nas revelações, que fingia, o dito Gabriel de Espinosa, que estava presente á missa, era o dito senhor rei D. Sebastião, e que Nosso Senhor o apontava com o dedo, e para mais segurança de que isto era assim, o dito frei Miguel em presença da dita religiosa se prostrou por terra, e de joelhos lhe beijou a mão como a tal rei D. Sebastião que fingia, tudo a fim de que se casasse com elle, como real e verdadeiramente fez o dito frei Miguel, que diante d'elle o dito Gabriel de Espinosa lhe désse cedula de promessa de casamento, com titulo e firma de rei, na sua presença, e que entre ambos houvesse outras palavras de promessa, como se fez, com intento de que a certo tempo o dito Gabriel de Espinosa com aquella falsa opinião, esforçado com os ditos meios e casamento, e com outros que iam tomando, escrevendo a algumas pessoas poderosas do dito reino de Portugal, como era vivo o dito senhor rei D. Sebastião, e como o tinha casado com a dita religiosa, e que não se queria manifestar até certo tempo, e tratando de ir em pessoa ao reino de Portugal, a assentar o dito trato para conseguir seu intento, commovendo o reino em seu favor, e confiando na muita opinião e reputação em que n'elle estava, se alborotassem os ditos reinos de Portugal, para fazer rei d'elles ao dito Gabriel de Espinosa, a fim de por este caminho perturbar ao rei nosso senhor a justa possessão que tem d'elles tendo como tinha em segredo para si, logo que isto se fizesse, descobrir o engano do dito Gabriel de Espinosa, para que o dito D. Antonio (que estava prevenido) podesse apoderar-se e fazer-se senhor dos ditos reinos de Portugal, como o tinha planeado com elle, sobre o que tambem o dito frei Miguel dos Santos tinha correspondencia com o dito D. Antonio. Em todo o qual, o dito frei Miguel, sendo incorrigivel contra a magestade d'el-rei nosso senhor, rei e senhor proprio e verdadeiro dos ditos reinos de Portugal, e contra elles mesmos, e sua reputação, e contra a obrigação que lhe tinha como seu rei natural; e que tambem como religioso, letrado, e vigario do dito mosteiro tinha commettido graves, enormes, e enormissimos delictos, e foi causa dos que ha commettido com elle Gabriel de Espinosa, pasteleiro, e do engano e erro da dita religiosa; no exposto e referido o dito frei Miguel dos Santos, réo accusado, não provou coisa alguma, de que se possa aproveitar para sua absolvição, damol-o e pronunciamal-o por provado. Pelo que, e pelo mais que resulta do dito processo, a que nos referimos, o devemos declarar, e declarâmos, perpetrador dos ditos delictos por que foi accusado, e em consequencia d'isso o devemos condemnar, e condemnâmos ao dito frei Miguel a perpetua degradação, *sine spe restitutiones*, e pela presente o depomos e privâmos perpetuamente do seu habito e officio sacerdotal e de todas suas ordens maiores e menores, e de suas graças, isempções e immunidades, prerogativas e privilegios, que em razão d'ellas, e de cada uma d'ellas, e de seu habito e religião, em que professou, devia e podia gozar, e lhe pertenciam e podiam pertencer: e tambem o condemnâmos em que seja real e actualmente degradado, com as solemnidades requeridas e costumadas de direito, por um arcebispo ou bispo, cuja nomeação nos reservâmos; e que, assim degradado, seja entregue ao braço secular, para que proceda na causa como convenha e achar de direito. E tambem o condemnâmos em perdimento de todos os seus bens, que em qualquer maneira tenha, e lhe pertençam, e podiam pertencer, applicados para a camara de sua magestade e gastos da justiça e custas d'este processo, cuja taxa nos reservâmos: e mandâmos que esta nossa sentença seja levada a pura e devida execução, com effeito, sem embargo de qualquer appellação, que d'ella se interponha pelo dito frei Miguel, por quanto assim convem ao serviço de Deus Nosso Senhor, e de sua magestade, e á boa administração da justiça. Por esta nossa sentença definitiva assim o pronunciâmos e mandâmos. *O doutor Juan de Llanos y Valdez.*»

XXXII.

Acabada de ler a sentença mandaram recolher frei Miguel dos Santos á sacristia, em quanto se preparava o necessario para a imponente ceremonia da degradação. A egreja de S. Martinho ia presencear uma scena que, por ser pouco frequente, interessará a quem ler, conhecer nas menores circunstancias.

O recinto do templo estava cheio d'um innumero concurso attrahido pela novidade. Em meio da egreja havia um tablado espaçoso, e n'elle uma credencia com o que era indispensavel para a ceremonia. O arcebispo Doristan occupava a sua cadeira com os ornamentos pontificaes, mitra na cabeça, e baculo na mão direita. Em frente, um pouco retirados, aos lados do arcebispo, estavam em pé o doutor Llanos, e o alcaide Canal. Varios sacerdotes assistiam ao prelado em suas respectivas funcções. Profundo silencio reinava entre os concorrentes.

Frei Miguel saíu da sacristia com todos os ornamentos, como se fosse para celebrar missa, levando nas mãos o calix com a patena, e o demais, acompanhado de dois sacerdotes. Inclinando-se diante do altar-mór, dirigiu-se ao tablado, e logo que subiu a elle, poz-se de joelhos diante do arcebispo, que fez signal para começar o acto da degradação.

Os assistentes prepararam o calix com vinho e agua, collocaram a hostia sobre a patena, e vieram entregar tudo a frei Miguel, de cujas mãos o arrancou o arcebispo, dizendo, segundo o ritual romano:

Tirâmos-te, ou, melhor, manifestâmos que perdeste a faculdade de offerecer a Deus sacrificio, e celebrar missa por vivos e defunctos.

Em seguida, tomando o canivete, preparado na credencia, raspou ao frade os dedos indices e pollegares, as palmas das mãos, e a coroa, dizendo:

— Por esta rasura riscâmos de ti o poder de sacrificar, consagrar, e benzer, que recebeste na uncção das mãos e dos dedos.

Tomando depois a casula pela parte da espalda, lh'a tirou, dizendo:

— Com razão te despojâmos da veste sacerdotal, na qual está significada a caridade, porque tu te despojaste d'ella, e de toda a innocencia.

Finalmente, tirou-lhe o arcebispo a estola, pronunciando estas palavras:

— Torpemente desprezaste o signo do Senhor, representado n'esta estola, por isso t'a tirâmos, inhabilitando-te para exercer tudo o que pertence ao ministerio sacerdotal.

Ao terrivel e imponente da ceremonia se unia essa magestade que acompanha muitos actos solemnes da religião christã. Esse temor que se sente, mas não se explica, tinha-se apoderado da multidão. Todos choravam, todos estavam enternecidos, e as lagrimas que caíam dos olhos do veneravel arcebispo augmentavam a magestade da ceremonia. Concluida que ella foi, tornaram com frei Miguel dos Santos á sacristia, despojaram-n'o dos habitos, e coberto com um ferragoulo negro mui velho e roido, e um máo chapéo na mão, tornou a apresentar-se ao publico, cujas lagrimas augmentaram pela compaixão que causava ver um homem de edade avançada, com uma veneravel calva descoberta, quando por tantos titulos tinha merecido a estimação dos homens, reduzido a tão triste e deploravel estado. Chegou até á porta da



Pelotiqueiros arabes.

egreja, e o juiz ecclesiastico, que era o doutor D. Juan de Llanos y Valdez, o entregou ao juiz secular, o alcaide Canal, o qual no mesmo coche, em que o haviam conduzido, o retornou ao carcere.

XXXIII.

Logo que Miguel dos Santos, entregue á justiça secular, reentrou no carcere, ahi lhe leram a sentença do tribunal civil, pela qual era condemnado a ser levado publicamente pelas ruas de Madrid precedido do pregoeiro, que em voz alta publicasse seus delictos, e chegado á *Plaza mayor* fosse enforcado até que morresse — sentença que devia executar-se no dia 19 do mesmo mez de outubro, isto é, dois dias depois.

O ex-frade ouviu a sentença com muita resignação, e vendo que lhe não restavam mais que dois dias de vida, tratou de empregal-os em curar de sua alma, e dispor-se para a morte. Pediu lhe enviassem dois padres de S. Francisco. Com elles se confessou e entreteve em santas conversações, esperando com animo, segundo parecia, tranquillo, seu ultimo e desastroso trance.

Chegou em fim o dia assignalado. Outros dois padres da Companhia foram, por mandado do juiz, confortal-o, e acompanhal-o pelas ruas, como o verificaram. Pelo transito foi com muito recolhimento, com os olhos constantemente fixos no crucifixo, que levava nas mãos, sem distrahir-se, nem interromper suas orações. Chegado ao pé do patibulo ajoelhou, e

permaneceu largo espaço em oração. Os sacerdotes, que o acompanhavam, fizeram o mesmo.

Concluida a oração, disse aos circunstantes com voz segura, mas moderada:

— A morte que vou padecer, tenho-a merecido muito por minhas culpas, e justamente se me dá. Mas a maior parte dos delictos que se me imputam não os commetti: ao menos todos. Desde que D. Filippe II tomou posse do reino de Portugal, sempre o tive por legitimo e verdadeiro rei, o amei, e obedeci como a tal; mas Gabriel de Espinosa me enganou, e realmente acreditei que elle era el-rei D. Sebastião, mas o de D. Antonio é falso; e se outra coisa disse já, arrancou-m'a a dor insoffrivel do tormento.

Depois, levantou os olhos ao ceo, e exclamou com fervor:

— Senhor, offereço-vos o sacrificio d'esta morte affrontosa! Recebei-o em desconto de meus peccados!

Sem deter-se, começou logo a subir a escada do patibulo. Quando ia em meio d'ella, chegou-se a elle o escrivão da causa, e da parte do rei lhe fez algumas perguntas que não poderam entender-se, e a que o condemnado respondeu com brio e inteireza, segundo se podia inferir do seu semblante e ademanes.

Logo que o escrivão se retirou, Miguel dos Santos continuou a subir a escada da forca, e mal o carrasco lhe ajustou o laço, apertou contra os labios o crucifixo, e morreu n'este, segundo parecia, devoto osculo.

EPILOGO.

Tal foi o tragico fim d'uma tão disparatada intriga, que, 262 annos depois, mais parece delirio que conjuração. Entretanto tudo isto surprehende menos, quando advertimos que o seculo de Filippe II foi o seculo das mais raras e extravagantes combinações politicas.

J. T.

PELOTIQUEIROS ARABES.

Como na Asia, como na America, na Africa, através do Sudan, são communs os pelotiqueiros que nas festas dos sultões, e nos mercados, apparecem para divertir a multidão, saltando e fazendo saltar grandes cobras, que, domesticadas ou magnetisadas, obedecem pontualmente aos toques de um pequeno tambor.

A nossa gravura é especimen d'essas scenas dos pelotiqueiros arabes no interior d'Africa.



Macau.

O actual estado da China, tanto pela guerra civil que ha sete annos dilacera o imperio celeste, como pelas hostilidades em que está com a Inglaterra, attrahe sobremaneira a attenção da Europa, e deve particularmente attrahir a nossa. Possuimos o estabelecimento de Macau, na provincia de Cantão, a umas cincoenta milhas da cidade do mesmo nome, e capital d'ella, e que por isso não póde deixar de resentir-se dos importantes acontecimentos da guerra interior e estrangeira, de que a mesma provincia está sendo theatro. Para melhor comprehensão do que vamos dizer, damos em gravura o contorno dos terrenos que formam a embocadura do rio de Cantão, e as ilhas circumvisinhas. Hong-Kong é a colonia ingleza, ou ponto de partida das forças britannicas que operam na China.

Vê-se, pois, que a cidade de Macau está situada n'uma pequena peninsula, na parte meridional da chamada ilha de Heang-xan ou Hianzan, na margem direita da embocadura do rio de Cantão. Esta peninsula está ligada á ilha por uma lingueta d'areia, que terá de largura um tiro de pedra, e através da qual se levantou, em 1573, um muro, com uma pequena porta abobadada no centro, servindo para marcar o limite do territorio de Macau. Aquella porta, a que chamam do *Cêrco*, só se abria, no tempo em que foi construida, uma vez em cada quinze dias, para a introducção de viveres: passou depois a abrir-se cada

cinco dias, e por fim todos os dias. Até 1849 havia alli uma guarda de soldados chinezes, que viviam com suas familias n'umas casitas e pagode contiguos á porta do Cerco, parecendo mais gente do povo, do que soldados do imperador. No posto não havia sentinella, nem coisa que a qualquer europeu que passasse désse indicio de um corpo de guarda, a não serem algumas más e enferrujadas armas penduradas no interior das habitações. Hoje nem isto mesmo existe, tendo sido destruidas pelos portuguezes as casas e o pagode, por occasião dos acontecimentos que em 1849 se seguiram ao assassinio do governador Amaral.

O terreno limitado pelo dito muro ou barreira terá pouco mais de duas milhas de comprido, menos de uma na maior largura, e oito de circuito. É todo quebrado e penhascoso, e contém, entre outros monticulos, tres collinas quasi em fórma de triangulo. N'uma d'ellas está a capella da Penha, n'outra a principal fortaleza, chamada do Monte, e na terceira o forte da Guia.

As desegualdades do solo; as fortalezas que coroam a maior parte das eminencias; duas povoações chinezas comprehendidas no territorio da cidade; os vistosos edificios d'esta; a perspectiva do mar e de muitas ilhas proximas; e o grande numero de champanes, tancares e outras embarcações chinezas (quasi todas manejadas por mulheres); tudo contribue para tornar esta cidade summamente pittoresca.

Situada pelos vinte e dois gráos de latitude norte, e a cento e vinte e dois de longitude léste de Lisboa, o clima de Macau resente-se da proximidade da zona torrida. No inverno só se sente frio, mas ás vezes intenso, quando sopra vento norte, o que não é frequente. De verão o sudoeste, que reina quasi constantemente, refresca a atmosphera; porém nas casas que não estão expostas a elle, sente-se calor de suffocar.

Macau e seu territorio tem boas aguas, e é mui salubre. Está, porém, sujeito aos terriveis vendavaes, chamados *tufões*, em chinez *taifon*, que litteralmente quer dizer «grande vento»; sendo muito para notar que os gregos antigos já empregassem esta palavra para expressar a mesma idéa. É difficil, sem o haver experimentado, fazer idéa da violencia dos tufões, que é tal, que torna perigoso o transito pelas ruas, pelas telhas que faz cair dos telhados; que faz saltar as vidraças e portas das janellas, se não estão bem cerradas e trancadas; que derruba paredes, e ás vezes casas inteiras. N'uma noite de tufão declarado ninguem dorme; todos se occupam em arrimar contra as portas exteriores espeques e mobilia, para que não sejam arrombadas; havendo n'este caso, ás vezes, o risco de levar o vento os tectos pelos ares. N'estas occasiões, uma vez aberta qualquer porta, é mui difficil tornal-a a fechar contra a corrente do vento. No mar ainda os estragos são mais fataes, porque o porto é mui desabrigado, e de ordinario ha perda de muitas vidas entre a população maritima chim, que aos milhares vive em pequenas embarcações.

Macau tem passado por differentes crises de decadencia, e prosperidade. Hoje póde dizer-se que está relativamente n'um dos periodos d'esta ultima, por causas puramente accidentaes. Os emigrados chins, fugidos á guerra civil, e a interrupção do commercio inglez em Cantão, tem attrahido ao nosso estabelecimento muitos capitaes, e grande movimento mercantil. Calculam-se em cento e vinte mil os chins que hoje vivem no estabelecimento, sujeitos ás nossas leis, quando apenas subirá a seis mil almas a população portugueza.

A chamada ilha de Hiansan, que, como se vê na gravura, está apenas separada do continente pelos braços do rio de Cantão, indica-se naturalmente como util annexação para Macau. Ensejos tem havido, em que poderia ter sido adquirida para a corôa portugueza, e talvez ainda agora se apresentem nas transformações que naturalmente produzirá o actual estado da China. Essa ilha tem proximamente dez legoas de comprido e sete de largura, e uns quatrocentos mil habitantes: é bastante fertil e cultivada, tendo, além d'isto, um bello porto de mar, a que chamam Cum-singmun. Estas circunstancias e as communicações que tem com o interior da provincia de Cantão, pelos canaes navegaveis que a rodeiam, fariam com que, annexada a Macau, a nossa tão limitada possessão se tornasse n'uma bella provincia ultramarina, com recursos e comestiveis proprios para se sustentar em qualquer eventualidade.

Para outra occasião reservâmos fallar do interior da cidade, e de seus estabelecimentos, usos e costumes. Terminemos agora com uma mimosa descripção poetica d'este bello paiz, ha pouco recebida de mr. Jules Zanole, actual consul de França em Brighton e New-Haven (Inglaterra), e que o foi por longo tempo em Macau. É o mesmo inspirado auctor da poesia *La grote de Camoens*, já publicada n'uma obra portugueza, e que ainda aqui reproduziremos como uma das promettidas no nosso artigo sobre a gruta do poeta, a pag. 17 d'este semanario.

A poesia inédita foi feita ainda em vida do governador Amaral, que de 1845 a 1849 governou Macau, onde a sua memoria goza de permanente recordação e reconhecimento publico. Ouçamos, penetrados d'estes sentimentos, como em louvor d'este martyr da patria se expressa o illustre estrangeiro, na sublime linguagem das musas.

C. J. CALDEIRA.

A son excellence

JOÃO MARIA FERREIRA DO AMARAL,

GOVERNEUR DE MACÃO.

L'Europe est loin de nous; mais sur ce coin de terre
De l'empire chinois autrefois tributaire,
On la retrouve encor. C'est le séjour d'été
Par le monde élégant tous les ans fréquenté,
Rendez-vous de plaisir, joyeuse résidence,
Où le son de l'orchestre, invitant à la danse,
Se mêle au choc bruyant des verres écumeux,
Que remplit, à pleins bords, le Champagne fameux.
Dans les salons dorés la mode, en souveraine,
Promène son pouvoir et son orgueil de reine;
Et le luxe étranger, brillant dans les festins,
Etale les trésors de nos pays lointains.
La lumière, les fleurs, les meubles, les toilettes,
Tout rappelle à nos yeux nos demeures coquettes,
Nos fêtes, nos repas qu'anime la gaité,
Nos bals resplendissants, notre hospitalité.

D'un pays que j'aimais; dont le tems, ni l'absence
N'ont jamais dans mon cœur éteint la souvenance;
Pays qui m'était cher; climat délicieux
Que le ciel a doté de dons si precieux!
Du Portugal enfin c'est la vivante image.
Ce sont les mêmes mœurs; c'est le même langage.
C'est son riant aspect; ce sont ses flots d'azur,
Son soleil éclatant, et son air vif et pur.

Au sommet de ses monts, couvrant la ville entière,
Je vois se déployer son antique bannière,
Et flotter dans les airs, avec son vieux blazon,
La couronne et les tours de son noble écusson.

Je revois les enfants de la Lusitanie.
Dans ce hardi Marin, chef de la colonie,
Des droits de son pays soutien et protecteur,
Et de la royauté courageux serviteur,
Dont les actifs efforts, le zéle e la constance
Ont, par tant de succès, signalé la puissance,
Je retrouve un des fils de ces vaillants guerriers,
Toujours épris de gloire, avides de lauriers,
Chevaliers sans reproche, à l'âme bien trempée,
Consacrant à leur roi leur vie et leur épée;
Cœurs francs et généreux, fiers, pleins de loyauté,
Qui plaçaient leur honneur dans leur fidélité.

Coquette, et se mirant dans l'eau qui l'environne,
La ville offre un coup d'œil qui rappelle Lisbonne.
J'aime de sa Praia l'aspect et la grandeur,
Ce tableau si mouvant, si riche de esplendeur;
Sa rade circulaire, où vient la vague errante
Déposer en grondant sa colère expirante;
Où l'on entend les flots, qu'un beau jour voit dormir,
Sourdement, à ses pieds, se briser et gémir;
Ses deux monts escarpés, et fiers de leurs tourelles,
Qui, veillant sur la mer comme deux sentinelles,
Dominent le bassin, et de chaque côté
Défendent aux vaisseaux l'accès de la cité.

J'aime à voir l'Océan, dont l'étendue immense
Permet d'un seul regard d'embrasser la distance,
Et laisse apercevoir, aux rayons du matin,
Les nombreux bâtiments voguant dans le lointain.

J'aime encore Macào pour ses vertes campagnes,
Pour ses champs cultivés, pour ses hautes montagnes;
Ses sentiers tortueux, grimpant dans les coteaux,
Couverts, échelonnés d'innombrables tombeaux;
Ses chemins bien coupés, et ses routes charmantes,
Où croissent des bambous, aux tiges élégantes,
En gerbes de verdure étalant leurs rameaux
Dont le léger feuillage ombrage les hameaux;
Et ses sombres rochers, d'une apreté sauvage,
Couronnant de leurs pics le riant paysage.

Ces routes traversant un sol accidenté,
Dont l'Europe envierais la régularité;
Ces agrestes chemins, joyeuses promenades
Qu'anime, chaque soir, le bruit des cavalcades;
Ces embellissements, ces utiles travaux
Faisant partout surgir des horizons nouveaux,
C'est votre œuvre. Aujourd'hui tout a changé de face;
La trace du passé disparait et s'efface;
Et vous avez montré, par des progrès heureux,
Ce qu'on peut accomplir, lorsqu'on dit: «Je le veux.»

Grace à vos soins actifs, à votre vigilance,
Dand la vieille cité renait la confiance,
Le respect qui s'attache à votre autorifé
A ramené le calme et la sécurité.
Votre sage vouloir, votre énergique zèle
L'ont affranchie en fin de sa longue tutelle;
Ce sont là des bienfaits qui vont, dans l'avenir,
Signaler votre nom, et votre souvenir.

Macào. Janvier 1849.

JULES ZANOLE.

O VAPOR NA TERCEIRA SECÇÃO.

Um certo mr. Grenet, filho, resolveu ha pouco, segundo se affirma, o problema da applicação da electricidade como força motriz. Em principios de outubro ultimo fez elle na presença do imperador Napoleão III uma experiencia do seu apparelho, que é mui pequeno. Consiste n'um cubo de um metro, onde se acham a machina e o reservatorio, ou pilha em que se produz a electricidade, a qual vae saíndo á medida que a machina trabalha, e fica de reserva, logo que cessa o emprego util, prompta sempre para quando tiver que funccionar a referida machina. Só quando esta trabalha é que se consome a electricidade.

Por uma combinação das mais felizes, o trabalho da machina produz a electricidade que lhe imprime o movimento.

Não dariamos completa idéa da descoberta, se não accrescentassemos que a electricidade sáe em maior ou menor quantidade; activa-se ou enfraquece-se quando se quer; faz-se parar instantaneamente; move a machina para diante ou para traz; em fim, que a electricidade pelo systema Grenet torna-se manual como o vapor, sem apresentar os perigos e inconvenientes que elle oppõe a todo o momento.

Que ficará ao seculo XX para inventar? Muito, muitissimo; e se nós d'aqui o podessemos antever, a revelação de tal prophecia transportava para este seculo a serie de prodigios que o futuro agora nos encobre. A consequencia era, que, partindo d'esse ponto, maiores e mais incriveis maravilhas ficariam por descobrir á geração que tem de succeder-nos.

L.

SOBERANOS DA EUROPA.

O *Almanack de Gotha* para 1858 conta quarenta imperadores, reis, grão-duques, duques e principes reinantes na Europa.

O mais antigo dos soberanos é o grão-duque de Mecklemburgo-Strelitz, nascido a 12 de agosto de 1779, e depois o rei de Wurtemberg, que nasceu a 27 de septembro de 1781.

Conta mais annos de reinado o principe de Schamburgo-Lippe, que subiu ao throno a 13 de fevereiro de 1787.

O rei da Belgica, nascido a 16 de dezembro de 1790, occupa o sexto logar, e o rei da Prussia o decimo primeiro. Os principes mais moços são o rei de Portugal, que nasceu a 16 de septembro de 1837, e o duque de Parma, nascido a 9 de julho de 1848.

L.

DRAINAGEM.

A *Drainagem*, de todas as descobertas recentes em agricultura é talvez uma das mais uteis e de maior alcance. N'um dos ultimos numeros do *Instituto*, jornal de Coimbra, chamam-lhe á portugueza *gaivagem*.

Consiste a drainagem no esgotamento e enxugamento dos campos por meio de uma rede de canaes subterraneos que se construem de manilhas de barro, enterradas a um metro de profundidade, e dispostas adiante umas das outras, e envolvidas nas juntas de união por manilhas mais curtas e mais largas.

Desde muitos seculos que se conhecem e praticam methodos mais ou menos perfeitos para facilitar o esgotamento dos terrenos; o systema, porém, que agora se propõe é que póde considerar-se novissimo, e em todo o ponto preferivel, pela facilidade de sua applicação a quantos se hão lembrado.

Para que se perceba mais promptamente a vantagem de praticar em larga escala a drainagem das terras, aqui faremos as seguintes considerações.

Enxugando as terras alagadiças, frias, humidas e argilosas, a drainagem evita as estagnações e fermentações putridas, causas de emanações insalubres, de infecções climatericas e de vegetações parasitas. Ao mesmo tempo augmenta, como é notorio, e de um modo prodigioso, a quantidade, qualidade e valor dos productos do solo.

Comprehender-se-ha facilmente a influencia da drainagem sobre a salubridade e as condições climatericas, quando se reflectir: 1.°, que a agua estagnada impede que o calor penetre o solo, esfriando-o por consequencia; 2.°, que a sua evaporação resfria consideravelmente as terras, pois é sabido que a agua não póde evaporar-se sem roubar aos corpos circunjacentes grande parte do seu calor; 3.°, que a humidade do solo neutralisa o benefico effeito dos orvalhos que se não formam em superficies espelhentas, mas sim em terrenos divididos em partes tenuissimas, e que apresentam grande numero de faces, como a areia, o terriço, etc.; 4.°, que a presença da agua no solo augmenta o effeito da refracção, causa essencial do esfriamento dos corpos durante as noites serenas e as nebrinas que tão perniciosas são ás plantas; 5.°, por meio da drainagem as chuvas fazem descer ao interior da terra o calor da superficie; 6.°, finalmente, a drainagem, impregnando de um estado medio de humidade as camadas inferiores do solo, attenua o resultado da falta de chuvas no verão.

Os effeitos da drainagem sobre a economia argi-

cola e domestica não são menos importantes que a sua influencia sobre o salubridade e o clima. Elevando a temperatura média do solo, e restituindo a plenitude de sua acção fecundante ao calor solar, ao ar, aos orvalhos e ás chuvas outonaes, apressa o sazonamento dos fructos, e melhora-os notavelmente.

A drainagem, além d'isto, regularisa o regimen das aguas, e tirando-lhes as propriedades nocivas converte-as em effeitos uteis. Equivale tambem a um aprofundamento do solo aravel, proporcionando-lhe o conveniente grão de calor e de humidade. Diminue por esse motivo as despezas de amanho, pois que o resultado que por meio d'ella se obtem equivale ao que se procura e só póde alcançar-se mediante uma serie de trabalhos difficeis e dispendiosos sempre.

Fazendo cessar a estagnação das aguas, a drainagem previne a fermentação que apodrece as raizes e produz substantias perniciosas para as plantas. Diminue egualmente a mortalidade do gado que adquire nas pastagens humidas innumeras enfermidades, mórmente affecções pulmonares, prevenindo a multiplicação dos insectos que o martyrisam.

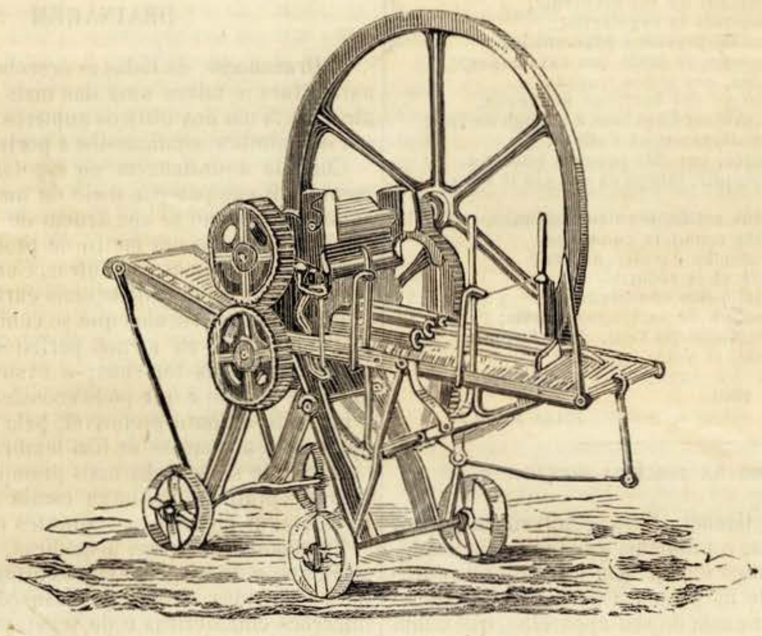
Os resultados economicos da drainagem não são menos vantajosos; pois tem-se verificado que, sob o influxo d'este systema, as colheitas duplicam e triplicam muitas vezes.

Os governos de Inglaterra e França, esses dois paizes que caminham á frente da civilisação européa, reconheceram de ha muito a necessidade de promover o desenvolvimento d'este systema, tendo já aquelle consagrado 200 milhões de francos ao estabelecimento da drainagem em todos os dominios da coroa.

Para que, porém, a drainagem se possa effectuar economica, perfeita e rapidamente, cumpre que a industria forneça ao agricultor os tubos ou manilhas de que elle carecer, de uma dimensão regular e por preço modicissimo.

É um problema este que os mais habeis construtores e engenheiros tem procurado resolver, inventando machinas para a fabricação d'aquellas manilhas.

Na exposição universal de Paris appareceram muitas machinas para fazer tubos de drainagem; mas todas essas machinas, apesar da variedade de suas fórmas, podiam dividir-se em horisontaes, como as de Whitehead e outros, ou verticaes ou mixtas, como as de Clayton.



Machina para fazer tubos de drainagem.

As machinas de Whitehead e as dos demais fabricantes inglezes, francezes e allemães, como as descreve o sr. J. A. Corvo, (¹) constam de uma caixa mui forte de ferro fundido, assente sobre pés tambem de ferro munidos de rodas; dentro d'esta caixa corre um embolo com duas hastes que engrenam com um carrete. A tampa da caixa é de ferro forjado, e fecha a caixa com muita segurança por meio de tres grossos ferrolhos. A face lateral da caixa, que corresponde a um longo taboleiro formado de cylindros e moveis cobertos de um panno sem fim, é aberta e tem na parte inferior um entalho, e na superior um fecho muito forte; é n'esta parte que se fixam chapas em que ha aberturas de fórma annular, quadrangular, etc., por onde a argila sae, tomando a fórma de tubos, tijolos ocos, prismaticos, ou em fim a fórma que se deseja obter. Para trabalhar com uma d'estas machinas, depois de armada com a chapa conveniente, basta encher a caixa de argila limpa e preparada, e fechar esta perfeitamente, e depois, pondo em movimento uma manivella que existe unida a uma roda dentada ao lado da caixa, fazer com que o embolo, de que ha pouco fallei, empurre fortemente a argila contra a chapa perfurada; a argila então sae pelas aberturas d'essa chapa, e corre debaixo da fórma de tubos ou de prismas sobre o panno sem fim que lhes serve de apoio. Uma armadilha com fios de arame muito tensos, que se póde fazer cair sobre o taboleiro, corta os tubos, que se acham sobre este, em partes exactamente eguaes.

A machina que representa a gravura differe um pouco d'esta descripção; é, porém, do mesmo systema, custando proximamente 96$000 réis.

Pelo que respeita ao custo do estabelecimento da drainagem, está calculado, em França, que custa 43$200 réis por cada hectare, (¹) incluindo a importancia das manilhas.

P.

(¹) Relatorio sobre a exposição universal de Paris — Agricultura. Lisboa, Imprensa Nacional 1857.

(¹) O hectare equivale a 2066,11 braças quadradas.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.